

OPINIÃO

Encarar os juros

As autoridades econômicas geralmente tratam as taxas de juros como consequência dos demais fatores que influenciam a conjuntura. De fato, elas não podem ser uma variável autônoma que voa pelas próprias asas. Se há forte desequilíbrio em fatores importantes da economia, é impossível evitar que as taxas de juros sejam altas.

Mas isso não justifica que as autoridades devam cruzar os braços em relação à trajetória dos juros. Mesmo com o expressivo e saudável avanço da iniciativa privada nas últimas duas décadas em todas as regiões do planeta, o Estado continua a ser o agente econômico de maior peso — mesmo nas economias mais liberais. O Federal Reserve Bank nos Estados Unidos ou o Banco

Central Europeu têm força suficiente para determinar os juros básicos que consideram adequados para compatibilizar os diversos fins da política econômica: estabilidade monetária, equilíbrio do balanço de pagamentos, crescimento da renda.

No Brasil, por força dos desajustes crônicos, a economia se habituou a juros extremamente altos. A maior parte dos economistas tem ignorado os efeitos (des)estruturais sobre a econo-

mia da manutenção de juros elevados por longo tempo. Mas um recente estudo do pesquisador Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, chama a atenção para a desastrosa transferência de renda causada por tal política. Em síntese, os juros altos substituíram a inflação no processo de concentração de renda na economia brasileira.

Essa constatação deveria ser suficiente para que as autoridades econômicas tivessem atitude

menos passiva diante da trajetória dos juros no Brasil. É certo que a taxa não pode ser tratada como variável completamente autônoma, pois depende do comportamento dos demais fatores. As autoridades têm agido sobre essas outras variáveis econômicas. O superávit primário acumulado nos últimos anos está entre os

maiores do mundo. Mas, devido à combinação de juros altos com desvalorização cambial, os superávits não conseguiram deter o avanço da dívida pública.

Não existe alternativa clara e sensata — principalmente sensata — para a situação. Por outro lado, não existem caminhos sem volta na economia, e pode-se cobrar do Banco Central um esforço em direção de uma estratégia ou um conjunto de ações que tirem a economia desse círculo vicioso.

...não
consequiram
deter o
avanço da
dívida pública
